

## AS FONTES DA HONESTIDADE NO *DOS DEVERES DE CÍCERO*

MARCOS VINICIUS RODRIGUES BRIZOLA<sup>1</sup>;  
JOÃO FRANCISCO DO NASCIMENTO HOBUSS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS– marcosvrb1994@gmail.com

<sup>2</sup>UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS– joao.hobuss@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Marco Túlio Cícero (106 - 43 a. C.), desempenhou importantes funções no cenário político dos últimos anos da República Romana, a qual muito defendeu através de seus discursos (*As Catilinárias* e *Filípicas*). Foi justamente em razão de suas intensas atividades políticas que Cícero pôde demandar mais tempo aos seus escritos filosóficos, pois foi depois de ser condenado ao exílio (58 a. C.) que ele escreveu suas principais obras de filosofia como o *Dos Deveres* (*De Officiis*) que terá o seu livro um analisado neste trabalho.

Esse tratado foi inspirado em uma obra também intitulada *Dos Deveres* (*Peri Kathekontos*) escrita por Panécio de Rodes (185 - 110a.c.), um dos maiores nomes do estoicismo médio. A escola estoica foi uma das correntes filosóficas mais influentes no período helenístico até o início do Império Romano e teve como seus representantes desde o escravo Epicteto, até o ministro Sêneca e o Imperador Marco Aurélio. Adotada por todas as camadas sociais de Roma, a filosofia do pórtico também é a que mais exerceu influência no pensamento de Cícero, mas além da influência estoica, também é possível percebermos algumas influências da Academia e do Liceu em sua obra, assim como certa rejeição ao epicurismo<sup>1</sup> e ao ceticismo.

Para Cícero, a honestidade deve ser o único objetivo de toda a ação, por isso preocupou-se em explicitar, inicialmente, as fontes da honestidade, pois apenas os que a tomam como associada ao bem supremo podem refletir com mais clareza acerca dos deveres: “[...] nem pela mesma razão os preceitos do dever poderão alguma vez ser ensinados senão por aqueles que afirmam dever a honestidade ser o único fim almejado[...]” (CÍCERO, 2000, p. 17). Tendo observado a importância dada por Cícero em definir as ações honestas, pontuemos o que, de acordo com o autor, seriam suas quatro fontes: (1) preocupar-se com a percepção completa e desenvolvimento inteligente da verdade, (2) zelar pela organização da sociedade através da colaboração mútua e do cumprimento dos acordos, (3) preservar um espírito nobre e invencível e (4) manter a ordem e moderação nas palavras e nas ações. (CÍCERO, 2000 p. 20) Cícero vê uma relação de dependência entre essas quatro fontes, aqui tomaremos cada uma de forma isolada a fim de analisá-las mais minuciosamente, assim como identificar alguns aspectos dessas fontes que nos possibilitam localizar a influência das correntes filosóficas gregas mais respeitadas e conhecidas no pensamento de Cícero, o mais exitoso divulgador da filosofia grega no mundo romano.

---

<sup>1</sup> Cícero critica a doutrina epicurista já nas primeiras páginas de seu tratado, logo após apresentar o tema deste: “Porém, existem algumas doutrinas que subvertem toda a noção de dever com a teoria acerca do bem e do mal supremos” (CÍCERO, 2000, p. 16). Ele se refere aqui à máxima do pensamento de Epicuro de que o sumo bem persiste no prazer. A crítica a essa definição é feita mais pormenorizadamente na sua obra *Do Sumo Bem e do Sumo Mal*.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada através da leitura e análise dos próprios textos de Cícero, principalmente do livro um do “Dos Deveres”, da comparação desses textos à alguns trechos que transcrevem em linhas gerais algumas ideias principais de Platão e Aristóteles, e também da principal escola que tem suas ideias expostas nas obras do autor: o estoicismo.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cícero caracteriza a honestidade como derivada das quatro ações anteriormente citadas, pode-se perceber a influência de um dos conceitos fundamentais da filosofia aristotélica acerca da felicidade, pois o Estagirita ao definir a felicidade como o Sumo Bem, no Livro 1 da (1098a 16-18) afirma que: “[...] o bem para o homem consiste numa atividade da alma em conformidade com a virtude [...]”. Por outro lado, Cícero também toma alguns conceitos da ética platônica pois é difícil citar essas quatro fontes sem relacioná-las com as virtudes cardeais (sabedoria, justiça, coragem e temperança) que para Platão devem estar presentes em um bom indivíduo e consequentemente em uma boa *polis*.<sup>2</sup>

Associando essas duas ideias dos maiores sistemas filosóficos da antiguidade e com alguns elementos do estoicismo, Cícero dá forma a sua análise sobre a honestidade. No que se refere àquela primeira fonte, o autor parte da concepção de que o homem naturalmente tende ao saber: “todos nós somos, com efeito, levados e conduzidos à paixão de conhecer e de saber que é belo ir mais além [...]” (CÍCERO, 2000, p. 21) Portanto, quando nos preocupamos em buscar o conhecimento, estamos agindo conforme a nossa natureza, que é a principal prescrição do estoicismo.

Com relação ao segundo tipo de ação, que consiste basicamente em manter a harmonia na comunidade na qual o indivíduo está inserido, esta harmonia é alcançada através das ações justas e da generosidade entre os cidadãos da mesma sociedade: “[...] consiste em evitar que um indivíduo cause danos a outro [...], e em garantir que se utilize os bens comuns em proveito da comunidade e os particulares, no interesse de cada um” (CÍCERO, 2000, p. 22). Apropriando-se da ideia estoica de que os homens possuem um princípio inato destinado a sua conservação, (*hormê*), Cícero aprimora esta ideia, afirmado que além desse impulso natural, reside nos homens uma propensão a viver em sociedade<sup>3</sup> pois assim teriam mais êxito na busca de sua preservação e, então, o indivíduo cuidando em manter sua sociedade organizada estaria agindo novamente de acordo com sua natureza.

A terceira fonte da honestidade, manter um espírito nobre e elevado, consiste em não temer os perigos e as desfavoráveis consequências que podem ser resultadas no indivíduo, na realização de ações nobres. Da mesma forma que são necessárias a justiça e a generosidade para preservar a sociedade organizada, é preciso desenvolver a coragem e a magnanimidade para preservar um espírito nobre: “a verdadeira e sábia grandeza da alma é aquela que

<sup>2</sup> “A Cidade perfeita, é portanto aquela em que predomina a temperança na primeira classe social, a fortaleza ou coragem na segunda e a sabedoria na terceira. A justiça nada mais é que a harmonia que se estabelece entre essas três virtudes”. (REALE, 2003, p. 159).

<sup>3</sup> Esse argumento está mais detalhadamente desenvolvido na obra *Do Sumo Bem e do Sumo Mal*, e utilizado no *Da República*.

considera serem as ações, e não a glória a constituírem a base daquela honestidade que a natureza toma acima de tudo como sendo aquele fim almejado[...]" (CÍCERO, 2000, p.38).

Essa terceira fonte talvez seja a que mais se coadune com a doutrina estoica, pois só pode agir com magnanimidade aqueles que já possuem certa despreocupação com as coisas terrenas, pois todas estas parecem pequenas a quem tem a firmeza de caráter e tudo é capaz de aceitar, a fim de buscar as virtudes. O comportamento de Sócrates em seu julgamento, além de influenciar Platão, também serviu como base para as primeiras formulações éticas do estoicismo antigo. A forma sublime como encarou a morte deixou o principal ensinamento de que nada pode ser mais importante do que a busca da virtude, nem mesmo a própria vida, Cícero adapta este ideal à bélica sociedade romana, pois um bom soldado não deve temer nem a morte para defender a República.

Por fim, Cícero cita certo cuidado nas palavras e ações, como a quarta fonte da honestidade, esta deve ser uma "reguladora" de todas as ações humanas: "acerca da última divisão da honestidade, na qual pode-se distinguir o respeito: "[...] a temperança e a ponderação, que domina todos os conflitos da alma e é a medida de todas as coisas." (CÍCERO, 2000, p. 49). Cícero associa essa última fonte da honestidade com a conveniência, portanto está sempre diretamente ligada as outras três fontes anteriormente citadas, é essa regulação das ações humanas que faz com que o indivíduo não erre como, por exemplo, ao buscar o conhecimento da verdade, para ele é um erro despender muito tempo em questões obscuras e difíceis, ou quando o alguém age generosamente, mas para com alguém que não é merecedor.

#### 4. CONCLUSÕES

Ao analisar algumas passagens da obra de Cícero sobre as fontes da honestidade, é possível perceber que ele não foi apenas um tradutor e divulgador da filosofia grega em Roma, pois além desta grande contribuição cultural e literária, Cícero influenciado sim pela filosofia platônico-aristotélica, (como todos os filósofos posteriores) e majoritariamente pelo estoicismo, adapta os pensamentos desta escola para o mundo em que vive e para suas necessidades mais latentes.

Cícero viveu em um período de profundas transformações e de imensa instabilidade política, estava impedido de exercer suas funções políticas devido ao exílio, mesmo assim não parou de contribuir para o aprimoramento das virtudes em seus concidadãos, aproveita esse "ócio" dos seus últimos anos de sua vida utilizando seu grande arcabouço filosófico para fundamentar as ideias em que sempre acreditou: que toda a ação honesta é também útil, e portanto, o melhor a se fazer. A civilização ocidental teve como os três pilares fundamentais a religião cristã, o direito romano e a filosofia grega. Cícero teve um papel fundamental nestes dois últimos, por isso estudar suas obras escritas no século 1 a. C. parece muito útil até os dias de hoje.

Em uma sociedade necessitada de liderança política confiável e carente de bons exemplos, é necessário ter em mente que as ações honestas as mais favoráveis pois são sempre honestas, mesmo que poucos estejam fazendo-as. Da mesma forma as ações desonestas, por serem disformes a nossa natureza humana, são sempre prejudiciais a quem comete, e mesmo que vejamos muitas dessas ocorrências em nosso meio, suas "vantagens" são ilusórias.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÍCERO, M.T. **Dos Deveres**. Tradução de Carlos Humberto Gomes. Lisboa: Edições 70, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Do Sumo Bem e do Sumo Mal**. Tradução de Carlos Acedê Nougué. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Da República**. Tradução de Amador Cisneiros. São Paulo: Abril, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Orações**. Tradução de Antônio Joaquim. Bauru: EDIPRO, 2005.
- BERNARDO, I.P. **O De Re Publica, de Cícero: natureza política e história**. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade de São Paulo.
- BRASIL DE SÁ, M.E. O Ecletismo no *De Officiis* de Cícero. **Revista Mundo Antigo**, Rio de Janeiro, v.3, n.5, p. 145-156, 2014.
- REALE, G. **História da Filosofia: filosofia pagã antiga, v.1**. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.
- ARISTÓTELES. **Ética à Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro. São Paulo: Nova Cultural, 1991.